

POSSIBILIDADES DE UMA PRÁTICA DE ENSINO A PARTIR DA DIVERSIDADE CULTURAL RIBEIRINHA: UM CONTEXTO APRAZADO PELAS DIFERENÇAS

Cleide Amanajás Lourenço; Izelma de Souza Costa; Ana Rosa Carneiro Sousa

Universidad de la Empresa, Facultad de Ciencias de la Educación,

E-mail: <cleideamanajas@hotmail.com> <izelma.costa@hotmail.com> <aninha.carneiro12@gmail.com>

Resumo:

No Brasil, em especial, à diversidade humana e o pluralismo cultural mostra-se como um desafio tanto na compreensão das discussões quanto na implementação de ações que exigem maior alcance, desafiando pesquisadores a refletirem a prática educativa nas regiões ribeirinhas da Amazônia. Em comunidades distantes e habitando as várzeas, eles estão em ambientes diferenciados de experiências que inclui características educacionais, sociais, econômicas, culturais e ambientais. Destaque-se que possuem uma cultura cabocla identitária com realidades específicas e que precisam ser notadas pela escola. Intencionando arrazoar sobre estas questões e tendo a prática pedagógica como referência, percebe-se que na escola estão presentes diferenciadas culturas que incluem, valores, símbolos, crenças e costumes. Entretanto, estas abordagens desprovidas de serem olhadas noutra ótica, à vista disso, estamos convencidos que o debate sobre a diversidade cultural, seja a premissa de um trajeto que perpassa por comportamentos pedagógicos, rompendo com concepções curriculares que favorecem fixas identidades no contexto escolar e desprezam as diferenças. Nesse contexto aprazado pelas exclusões e desigualdades, é necessário dialogar com os conteúdos de ensino e a diversidade cultural em um contexto ribeirinho escolar. O presente artigo tem por objetivo refletir sobre a prática pedagógica docente e o fortalecimento da diversidade cultural em comunidades ribeirinhas. A metodologia utilizada neste trabalho é a pesquisa bibliográfica e a utilização de abordagem qualitativa. Conclui-se, que o repensar dos docentes e suas práticas, sobre a afirmação das identidades culturais e suas diferenças, serão capazes de fortalecer a diversidade e enfraquecer a exclusão dos discentes em contextos escolares ribeirinhos.

Palavras-Chave: prática docente, Diversidade cultural rural/Ribeirinha, Reconhecimento das diferenças.

Introdução

Iniciamos estas discussões, refletindo sobre as populações ribeirinhas da Amazônia e a prática educativa nesses locais, considerando que a Amazônia é uma região riquíssima por seus recursos naturais e culturais, razão que gera em âmbito global interesses diversos em preservá-la. Nesses locais estão as escolas, que se apresentam como espaços multiculturais e estão inseridas em questionamentos e reflexões que abordam questões inerentes à diversidade cultural em um contexto diferenciado. Frente a um universo de experiências, entendemos que a relevância de conhecer a sua história, preservar e fortalecer a sua cultura e identidade é de um valor significativo, enfraquecendo os processos excludentes das etnodiversidades e identidades amazônicas. Visto que, a prática pedagógica docente, tende a homogeneizar os conteúdos de ensino, conforme os parâmetros urbanizados e universais. E nesse perfil, os educadores inclinam-se a adaptar-se a atitudes que silenciam e negam as diferenças presentes nas Instituições escolares.

Por se tratar de um espaço ribeirinho, compreender as suas histórias, as suas raízes, a relação desse povo com as águas, os rios e florestas, trazendo essas informações para o espaço educativo, é aproximar os discentes valorizando-os como pessoas e reconhecê-los em suas diferenças. O repensar dos professores sobre os desafios da escola, no que se refere aos direitos às diferenças, é a premissa que se exige para que novos olhares conectados com essa realidade, resultem em posturas e propostas de ensino, ancoradas em discursos e ações que perpassam a realidade social, os conteúdos programáticos e a diversidade cultural nos ambientes ribeirinhos.

Discussão

A diversidade cultural é um tema, que provoca questionamentos de extrema relevância, e que é discutido no nosso tempo com demasiada ênfase, dado o seu considerado valor na sociedade contemporânea. Entretanto, ainda que isso aconteça, recheado por um cabedal teórico significativo, e despertem nos pesquisadores profundas reflexões, as Instituições de ensino em localidades ribeirinhas necessitam de tal compreensão. Considerando que os educadores precisam ter olhares aguçados para as questões sociais, geográficas, ambientais e culturais e sobretudo o contexto em que estão inseridos, pois, a escola como um espaço multicultural precisa adotar ações pedagógicas e educativas fundamentais para o reconhecimento das diferenças apresentadas no ambiente escolar.

Nesse enfoque, a prática pedagógica docente, não deve acontecer de maneira cristalizada, estanque, mas ao contrário disso, contribuir para o fortalecimento das identidades culturais dialogando com os conteúdos de ensino e, por conseguinte, possibilitar atitudes de inclusão e humanização, que resulta em comportamentos de valorização e fortalecimento da interculturalidade. E nesse caminho, a definição de cultura é importante para a compreensão das abordagens que serão discutidas, uma vez que,

[...] como estruturante profundo do cotidiano de todo grupo social e se expressa em modos de agir, relacionar-se, interpretar e atribuir sentido, celebrar, [e que embora a] dificuldade de se definir cultura [...] não obscurece a afirmação de que ela constitui um núcleo radical da identidade dos diferentes grupos e povos e não pode ser ignorada nem reprimida [...]. (CANDAUI, 2003, p. 239).

Nessa linha de pensamento de Candau (2003), a cultura se constitui o embrião decisivo para a identidade cultural dos diferentes indivíduos. Nesta condição, se constitui uma referência que não pode ser silenciada e nem bloqueada pela escola, pois desconsiderar tal conceito é ter uma visão reducionista de seu papel enquanto Instituição educativa responsável pela formação dos discentes, e isso inclui romper com ações classificatórias exclusivas, condizentes com posturas humanizadas. É nessa direção, que a cultura, não pode ser vista como melhor ou pior, única e fixa, porém, precisa ser olhada como algo que se modifica constantemente, e especialmente em um local com expressivas diferenças culturais, como os ribeirinhos da Amazônia.

É no mesmo sentido que o autor corrobora, enfatizando a cultura de maneira dinâmica e sujeita a mudanças no nosso tempo pois,

Por bem ou por mal, a cultura é agora um dos elementos dinâmicos - e mais imprevisíveis - da mudança histórica no novo milênio. Não deve nos surpreender, então, que as lutas pelo poder sejam, crescentemente, simbólicas e discursivas, ao invés de tomar, simplesmente, uma forma física e compulsiva, e que as próprias políticas assumam progressivamente a feição de uma política cultural. (Hall, 1997: 97)

Sinalizado por Stuart Hall, as políticas assumem um caráter cultural, manifestando-se por meio das lutas pelo poder de modo simbólico e discursivo. É nesse viés, que a cultura possui extrema relevância no que se refere aos aspectos políticos. E essa relação está associada ao processo de ligação hegemônicas, que se expressa através da manutenção, submissão, mas também de indignação, revolta e insubmissão. E nessa conjuntura, se enquadram os sistemas de ensino, cujo o seu papel é de extrema importância, na medida em que se enxerga todas as mazelas possíveis de acontecer nas práticas educativas, fortalecendo as desigualdades sociais e exclusões, a partir da diversidade em localidades ribeirinhas da Amazônia.

Destaque-se que a população ribeirinha, reside em locais geograficamente distantes, com características diferenciadas e próprias, em forte ligação com a natureza, que conforme os autores conceituam que,

As comunidades ribeirinhas que habitam às margens dos rios e seus tributários na região, agentes de direitos sociais, possuem modos de vida distintos das sociedades urbanas, visto que vivem sob a influência mútua dos ciclos da natureza, contrariando

a lógica de acumulação, caracterizando uma organização socioeconômica particular. (CHAVES E SILVA, 2007, p. 10)

É neste ambiente cercado pelos rios e florestas que se constata um modelo de existência diferenciado dos conceitos e características da zona urbana. Sobretudo, em sintonia com as marés, que os leva de um trapiche a outro e os trazem nas canoas, sempre em busca de um porto a navegar. Dessa maneira, retratam de maneira nítida um cenário aprazado pelas diferenças. E nessa paisagem, no vai e vem das águas, se expressa um cotidiano impregnado de cores, sons, cheiros e sonhos. Neste ambiente, é possível observar a vida simples e pacata dos moradores dessas comunidades, já que, contrariando as normas de subsistência comum a todos, sobrevivem por meios dos recursos da natureza. Deste modo, as famílias saem todos os dias para pescar, caçar, plantar e outras atividades inerentes a sua realidade, sempre em busca de melhores condições de sobrevivência.

A respeito do contexto Amazônico, nos quais estão inseridos os ribeirinhos, se apresentam em um percurso histórico, social, ambiental, cultural e político. Trazendo em sua caminhada a construção das suas identidades culturais, que de acordo com Hage (2005, p. 64) enfatiza,

A formação das identidades culturais da Amazônia é muito complexa, pois aos saberes, valores e modos de vida indígenas, inicialmente predominantes na região, foram sendo impostos outros padrões de referências advindos de seus colonizadores e povoadores, entre os quais destacam-se: portugueses, espanhóis, franceses, holandeses, ingleses e norte-americanos, as populações africanas que vieram como escravos, as populações asiáticas e japonesas, os judeus e sírio-libaneses, e os imigrantes nordestinos e de outras regiões brasileiras.

Nesse entendimento, os ribeirinhos da Amazônia, se evidenciam por sua cultura cabocla, que se originou de uma hibridização de povos formatando a sua identidade. Nessas comunidades, que se constituem comandadas pela floresta, habitando as várzeas, há um universo de saberes e experiências, onde os indivíduos trazem consigo uma trajetória e um modo de viver que lhes é peculiar. Posto que, isto se observa por meio de costumes, tradições, costumes, crenças, rituais e diversas outras maneiras de serem, que direcionados pelos rios e florestas dinamizam as suas rotinas de vida e formas de produção necessárias à sua subsistência. Assim, “têm um conhecimento acumulado extremamente relevante” (GONÇALVES, 2010, p. 39).

Nessa perspectiva, alicerçada por constantes transformações, se encontram as escolas localizadas em ambientes ribeirinhos, onde a prática pedagógica docente precisa acontecer ancorada em posturas condizentes com a realidade dos alunos conforme o ambiente em que vivem. Contudo, precisam se apartar de ações e discursos petrificados que os marginalizam, desvalorizando as culturas e práticas identitária. Nesta direção, e a partir desta leitura, consideremos a identidade cultural que perpassa a diversidade cultural, a qual é objeto de nossa pesquisa. Nesse enfoque Bauman ressalta, que a identidade,

[...] não têm a solidez de uma rocha, não são garantidas para toda a vida, são bastante negociáveis e revogáveis, e de que as decisões que o próprio indivíduo

toma, os caminhos que percorre, a maneira como age – e a determinação de se manter firme a tudo isso – são fatores cruciais tanto para o pertencimento quanto para a identidade (BAUMAN, 2005, p.17)

Conforme a fala sinalizada pelo autor, a identidade está sujeita a constantes transformações, modificando-se conforme as condições em que os indivíduos vivenciam, por isso não são fixas, mas fluidas. Considerando que as escolhas dos indivíduos são fatores determinantes para o pertencimento e afirmação das identidades. Neste cenário de instabilidade, as identidades são múltiplas e voláteis e se constroem historicamente e não biologicamente. Neste sentido, a conjuntura cultural deixou de conceder referências únicas para as estruturas sociais modernas, enfraquecendo os modelos antigos que perdurou durante considerado tempo. Nesse viés, as circunstâncias culturais de nacionalidade, gênero, sexualidade, classe, etnia, raça, entre outros, deixaram de ser os referentes estáticos para as identidades. Enquanto isso, não são mais vistas como íntegras, certas, incontestáveis, mas sim inconsistentes. Em consonância Hall (2000) afirma, a “crise de identidade” faz parte de um seguimento amplo de mudança, que desloca as estruturas e processos centrais das sociedades modernas e com isso afeta os quadros de referência que davam aos indivíduos uma ancoragem estável na sociedade.

Nesse caminho de esclarecimento que envolve a escola, existe um campo educacional que abarca um caldeirão cultural, onde estão presentes valores, normas, imagens, símbolos crenças, hábitos, costumes dentre outros e que se expressam por meio das as diferenças culturais tanto no campo, étnico, religioso, orientação sexual, gênero e outros. Todavia, Candau (2012) ressalta, que uma das consequências mais maléficas para os discentes, de modo especial, são os que fazem parte de contextos culturais que não são não reconhecidos pela sociedade e pela escola, visto que, é exorbitante distância entre suas experiências socioculturais e tais Instituições educativas, resultando em índices elevados de fracasso escolar, aumentando com isso, a sensação de incômodo e manifestações em relação à escola. (CANDAU, 2012, p. 76).

Diante dessas questões não há como negar a globalização, que surge a todo vapor, invadindo o mundo inteiro com uma velocidade de informações que impressiona e influência de forma significativa a sociedade em contextos diversos, uma vez que,

“a globalização, entretanto, produz diferentes resultados em termos de identidade. A homogeneidade cultural promovida pelo mercado global pode levar ao distanciamento da identidade relativamente a comunidade e a cultura local. (WOORDWARD, 2014.p. 21)

Tomando como referência o autor, a globalização tem impactado diferentes grupos sociais, possibilitando uma relação dinâmica entre as pessoas, além do mundo digital que tem como suporte as redes sociais, invadindo as residências com rapidez e eficiência, sendo capazes de produzir efeitos imediatos e impactantes sobre a vida das pessoas, impondo novas maneiras de agirem, que interfere de

maneira significativa as identidades culturais. Nesta direção, podemos perceber os mercados e seus produtos evidenciados na mídia, capazes de revolucionar mentes apresentando as suas ideologias por meio marketing elaborados, na intenção de convencer os indivíduos a comprarem as mais variadas mercadorias, como: celulares, televisores, camas, computadores e outras tecnologias e tendências arraigadas a modernidade e que podem favorecer ou submeter determinados grupos e locais. Já que “os valores do bom, verdadeiro, justo e belo são válidos universalmente e realizáveis no ‘interior de cada sujeito’, sem que esteja implícito o compromisso de transformar a realidade” ((SILVA, 2005, p. 31).

Nessa perspectiva, se faz necessário e pertinente que os educadores estejam atentos a essas questões, no sentido de perceber que nos últimos anos, esses viés ideológicos estão impregnados nas escolas e incluem os avanços tecnológicos com tamanha intensidade, em todos os lugares, alcançando todos os povos, inclusive os alunos ribeirinhos da Amazônia, pois ainda que estejam geograficamente distantes, já é possível estarem conectados e retendo múltiplas informações. Visto que a diversidade cultural é assunto que merece destaque e reflexão, no que tange as informações disponíveis e a construção dos conhecimentos, considerando que a prática pedagógica docente precisa atender esta demanda, e estar centrada na valorização das diferenças, que abarca a diversidade cultural.

De acordo com Candau (2012), existe um índice elevado de fracasso escolar entre os discentes, onde é possível de se constatar, diante da displicência da diversidade cultural presente na escola. Enfatiza também, que o daltonismo cultural dos professores, está resultando em obstáculos para lidar com as diferenças, uma vez que suas condutas pedagógicas buscam a padronização, mesmo convivendo com a multiculturalidade em diversos contextos, seguem padrões universais naturalizando-a, sem questioná-las, situação agravante para a prática pedagógica e que resulta em problemas para as Instituições educativas.

Neste sentido, é perceptível a insegurança de alguns docentes sobre assuntos inerentes as diferenças existentes no contexto escolar, pois se sentem aprisionados por achar que não possuem habilidades e competências para lidarem com tais demandas. Do mesmo modo Pimentel (2012, p.142) discute que, “por não saber o que fazer e nem como atuar, alguns docentes, em sua impotência, acabam por sugerir, através de palavras ou ações, que não conseguem lidar com as diferença e que, portanto, é mais produtiva a retirada dos estudantes daquele espaço escolar”. Outro ponto a ser discutido, se refere a preocupação exagerada dos educadores no que se refere aos métodos, técnicas, planejamento e cumprimento de carga horária, de modo que se utilizam de práticas que menosprezam os saberes locais dos alunos, suas histórias, seus costumes, suas crenças, linguagem, dentre outros. Assim sendo, ignoram as questões identitária, que incluem a diversidade cultural em contextos específicos de expressão cultural, e no caso como os ribeirinhos da Amazônia não é diferente.

Entretanto, o que se observa nos cursos da área de educação, é uma negligência total de algumas universidades, que não capacitam os docentes para atuarem nesses contextos e que envolve as demandas, que perpassa a diversidade cultural. Em consonância, Líbano e Pimenta (1999) corrobora, afirmando que a maioria dos cursos de licenciatura, distanciam a prática docente com os conteúdos da sala de aula na universidade, já que essa relação acontece após a realização da parte teórica. Portanto, os educadores ao chegarem na escola, sentem-se inibidos por não se acharem aptos para enfrentar tais desafios. O ambiente escolar precisa se propor a estar ancorado em posturas pedagógicas contrárias a essas que, “[...] de forma homogênea, desconsiderando-se, inclusive, a identidade de cada povo que vive e convive nesse espaço amplo e diverso, que pode ser caracterizado não como Amazônia, mas como Amazônias” (OLIVEIRA, 2003, p. 23)

Nessa perspectiva, os professores, precisam se desprender de ideias petrificadas, e buscar conhecimentos que lhes forneçam qualificação e lhes despertem constantes reflexões, encontrando alternativas de ensino, onde seja possível se desprenderem de atitudes estanques e lineares, apropriando-se de conteúdos únicos desassociados da realidade dos alunos. Ao invés disso, abarcar propostas que envolvam o reconhecimento das diferenças e enfraqueçam as exclusões e injustiças sociais, especialmente por se tratar de comunidades ribeirinhas. A esse respeito, o autor afirma, apenas assim “diminuo a distância que me separa das condições malvadas em que vivem os explorados quando, aderindo realmente ao sonho de justiça, luto pela mudança radical do mundo” (FREIRE, 1996, p. 138)

Seguindo a linha de entendimento a cima, essas relações se travam por meio das relações de poder presentes nas relações sociais e por conseguinte nas escolas, onde ao mesmo tempo em que as Instituições de ensino podem promover a inclusão por meio de propostas pedagógicas condizentes com as necessidades dos discentes e que inclui o espaço geográfico em que vivem, agregando a todos sem distinção, também pode classificar e excluir, através de ações hierarquizadas, dominadoras, classificatórias e manipuladoras. Deste modo, padronizar é fácil, o desafio é conviver com a diversidade, uma vez que,

Para tanto, não há como separar a diversidade das relações de poder, considerando que esse processo está associado aos aspectos sociais, históricos, culturais e políticos das diferenças. Portanto, é relevante levar em conta diversos fatores que envolvem a articulação entre políticas de igualdade e de identidade, que abarca o reconhecimento das diferenças no contexto mundial. É nessa análise que, “A identidade, tal como a diferença, é uma relação social. Isso significa que sua definição-discursiva e linguística-está sujeita a vetores de força, a relações de poder. Elas não são simplesmente definidas; elas são impostas.” (WOORDWARD, 2014.p. 21)

Para tanto, o educador como mediador da aprendizagem, precisa compreender e refletir sobre tais contextos, destituído de preconceitos, rótulos e estigmas. E essa perspectiva, só será possível, com o rompimento de condutas pedagógicas que privilegiam certas identidades no contexto escolar,

apartando-se da compreensão de que existe uma cultura singularizada, certa, fixa e imóvel. Nesse viés, questionando ideias pautadas em um perfil padronizador, homogeneizador e monocultural da educação, tendo em vista que,

[...] um ensino pode estar endereçado a um público culturalmente plural, sem ser, ele mesmo, multicultural. Ele só se torna multicultural quando desenvolve certas escolhas pedagógicas que são, ao mesmo tempo, escolhas éticas ou políticas. Isto é, se na escolha dos conteúdos, dos métodos e dos modos de organização no ensino, levar em conta a diversidade dos pertencimentos e das referências culturais dos grupos de alunos a que se dirige, rompendo com o etnocentrismo explícito ou implícito que está subtendido historicamente nas políticas escolares “assimilacionistas”, discriminatórias e excludentes (FORQUIN 2000, p.61)

Nesse processo complexo e importante, as escolas possuem extrema e grandiosa responsabilidade de ensinar, mas além disso, existe um caminho pedagógico docente amplo e desafiador a seguir, que por sua vez precisa estar em harmonia com o multiculturalismo. Destaque-se que esse trajeto, está sujeito a determinadas escolhas, que dependem de posições éticas e políticas, segundo o autor sinaliza. Entretanto, decidir não é tarefa fácil, a menos que represente uma ideologia comprometida com os discentes, que contempla associar os conteúdos e propostas com a diversidade cultural. Porém fica bem difícil, quando se trata de valores e símbolos petrificados e estabelecidos em um contexto histórico social e cultural e que envolve práticas identitária. Nesse caminho de discussões, é frequente os debates sobre essas questões, porém alguns discursos recheados de “boas intenções”, tornam-se contraditórios, na medida em que não se vive, o que se propõe.

Considerações finais

A cultura da diversidade, precisa estar conectada com interculturalidade, que permeia a diversidade cultural presente nas escolas em contextos ribeirinhos da Amazônia. Nesses ambientes aprazados pelas diferenças, é de considerado valor, que a prática pedagógica docente, se desfaça de conceitos pré-concebidos, ancorados em posturas neutras, cristalizadas e homogeneizadoras. Nesse universo de experiências, associadas a aprendizagem, sobretudo é relevante buscar estratégias, que inclua a valorização das identidades culturais e o reconhecimento das diferenças, visto que, é sem dúvida a premissa para o enfraquecimento das desigualdades e fortalecimento de condutas inclusivas. Assim se faz oportuno criar espaços democráticos para debates que envolva temas sobre questões identitária e outros, capazes de sensibilizar e agregar a todos os discentes, sejam quem forem e quais culturas pertençam. Neste caso, os ribeirinhos da Amazônia, que habitam as margens dos rios e florestas, e se destacam por suas características peculiares e que nem sempre são percebidas pela escola.

Referências

- BAUMAN, Z. **Identidade**: entrevista a Benedetto Vecchi. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.
- CANDAU, V. M. F. **Didática Crítica Intercultural**. Petrópolis: Vozes, 2012.
- _____. Pluralismo Cultural, Cotidiano Escolar e Formação de Professores. In: CANDAU, V. M. (Org.). **Magistério**: Construção cotidiana. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 2003.
- CHAVES, M. do P. S.; SILVA, E. C. da. **Exclusão Social na Amazônia**. (Texto digitado), 2007.
- FORQUIN, Jean Claude. O currículo entre o relativismo e o universalismo, Educação e Sociedade, Campinas, v. XXI, n.73, dez. 2000.
- FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996
- GONÇALVES, C. W. P. **Amazônia, amazônias**. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2010.
- HAGE, S.M. Educação na Amazônia: identificando singularidades e suas implicações para a construção de propostas e políticas educativas e curriculares. In: HAGE, S. M. (Org.). **Educação do Campo na Amazônia**: Retratos e realidade das escolas multisseriadas no Pará. Belém: Gráfica e Editora Gutemberg, 2005.
- HALL, Stuart. **A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo**. Educação e Realidade, Porto Alegre: UFRGS, v. 22, n. 2, p. 15-46, 1997.
- _____. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.
- LIBÂNEO, J.C; PIMENTA, S.G. **Formações de profissionais da educação: visão crítica e perspectiva de mudança**. Revista Educação & Sociedade, ano XX, n.68, dez, 1999. Disponível em: Acesso em: 25/05/17.
- OLIVEIRA, I. A. de. **Cartografias Ribeirinhas**: Saberes e representações sobre práticas sociais cotidianas de alfabetizando amazônidas. Belém: CCSE-UEPA, 2003.
- PIMENTEL, S.C. **Formação de professores para a inclusão: saberes necessários e percursos formativos**. IN: MIRANDA, T.G; FILHO, T.A.G (Orgs.). **O professor e a educação inclusiva: formação, práticas e lugares**. Salvador: EDUFBA, 2012.

WOODWARD, K. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, T. T. da; HALL, S.; WOODWARD, K. **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis: Vozes, 2014.